

Bolsas Na quinta-feira	Bovespa Índice Bovespa nos últimos dias (em pontos)	Salário mínimo	Dólar Na quinta-feira	Euro Comercial, venda na quinta-feira	Capital de giro Na quinta-feira	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,40% São Paulo	64.308 65.265	R\$ 937	R\$ 3,144 (▲ 0,38%)	R\$ 3,355	14,95%	11,02%	0,26 0,18 0,30 0,38 0,33
	27/3 28/3 29/3 30/3		23/março 24/março 27/março 28/março 29/março				Outubro/2016 Novembro/2016 Dezembro/2016 Janeiro/2017 Fevereiro/2017

CONJUNTURA / Expectativa de IPCA abaixo da meta reforça aposta de economistas de que a autoridade monetária intensificará ritmo de queda da Selic para 1 ponto percentual nas duas próximas reuniões do Copom. Atividade econômica fraca contribui para manter custo de vida

BC projeta inflação de 4%. E mercado, juros de 8,5%

» ANTONIO TEMÓTEO
» MIRELLE BERNARDINO*

O Relatório Trimestral de Inflação (RTI) divulgado ontem consolidou as apostas de parte do mercado de que o Banco Central (BC) acelerará o ritmo de corte dos juros para um ponto percentual na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), marcada para 11 e 12 de abril. Os analistas avaliam que o colegiado manterá essa intensidade por pelo menos duas reuniões e a taxa básica de juros, atualmente em 12,25% ao ano, poderá encerrar 2017 em 8,5% ao ano.

Apesar de reconhecer que a desinflação está difundida, o BC deixou claro que a intensificação do ritmo será moderada, jogando um balde de água fria nos economistas que acreditavam em um ritmo maior de queda de juros, de, pelo menos, 1,25 ponto percentual. Um dos fatores que favorecerá a redução da Selic é a fraqueza da atividade econômica. Assim como o Ministério da Fazenda, a autoridade monetária revisou a expectativa de crescimento para o Produto Interno Bruto (PIB) de 0,8% para 0,5%.

As surpresas favoráveis que derrubaram os preços dos alimentos levaram a autoridade monetária a revisar as projeções para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Pelas contas do BC, a inflação terminará 2017 em 4,0%, abaixo do centro da meta de 4,5%. A estimativa da autoridade monetária considerara as expectativas de juros e câmbio apresentadas pelo relatório de mercado Focus, divulgado semanalmente.

O diretor de Política Econômica do BC, Carlos Viana, mostrou-se otimista com o processo de desinflação, mesmo com a piora do ambiente político às vésperas do julgamento pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), sobre a cassação da chapa Dilma-Temer. Ele detalhou que o BC está pronto para agir, se for necessário, mas esse não parece ser o cenário base. “Há um ambiente bastante favorável, a desinflação se difundiu no mercado e sugere que esse processo deverá continuar”, disse.

O BC fará dois cortes consecutivos de um ponto percentual na Selic, avalia a economista-chefe da ARX Investimentos, Solange Srouf. Para ela, uma terceira redução dos juros na mesma

intensidade dependerá do nível da atividade econômica e da dinâmica de preços. Nas contas dela, a inflação terminará o ano entre 3,8% e 3,9%. “O ciclo de cortes, apesar de o relatório indicar que a taxa de 9% ao ano seria a de juro neutro, terminará em 8,5% ao ano. A recuperação da atividade será gradual e a aprovação da reforma da Previdência deve trazer uma valorização do real que ajudará nesse processo”, detalhou.

A economista-chefe da CM Capital Markets, Camila Abdelmalack, também aposta em taxa de juros de 8,5% ao ano, em dezembro. Ela revisou sua projeção, que está em 9,5% após o BC deixar claro que acelerará o ritmo de corte na próxima reunião. Para Camila, a inflação terminará o ano em 4,66%, diante das incertezas em relação à aprovação da reforma da Previdência. “Temos espaço para corte de juros porque o nível de atividade continua fraco e a recuperação será lenta. Um indicativo disso são os dados do varejo que continuam fracos”, afirmou.

Comprometimento

Enquanto o governo define o ritmo de corte dos juros, os brasileiros ainda sofrem com os custos da Selic alta. A depiladora Nilma Gomes, 50 anos, tem toda a renda comprometida com contas atrasadas. Nilma confessa que contratou empréstimos com juros altos em um período no qual não tinha emprego fixo. De lá para cá, não conseguiu equilibrar as finanças. “Minha vida financeira está uma bagunça, tudo se transformou em uma bola de neve. Hoje, meu salário não garante a quitação das dívidas”, comentou.

Para evitar perder o controle das finanças pessoais, o web designer Damiano Ferreira, 24 anos, não faz compras parceladas no cartão nem contrata financiamentos. Todas são pagas à vista, mesmo que demore muito tempo para ter o dinheiro suficiente para pagar pelo produto. “Meus pais usavam cartão de crédito para tudo, tudo parcelavam. Eles têm dívida até hoje. As pessoas compram e esquecem de somar os juros. Quando percebem, o bem já se desvalorizou e ainda têm prestações para pagar”, concluiu.

* Estagiária sob supervisão de Rozane Oliveira

Luis Nova/Esp. CB/D.A Press



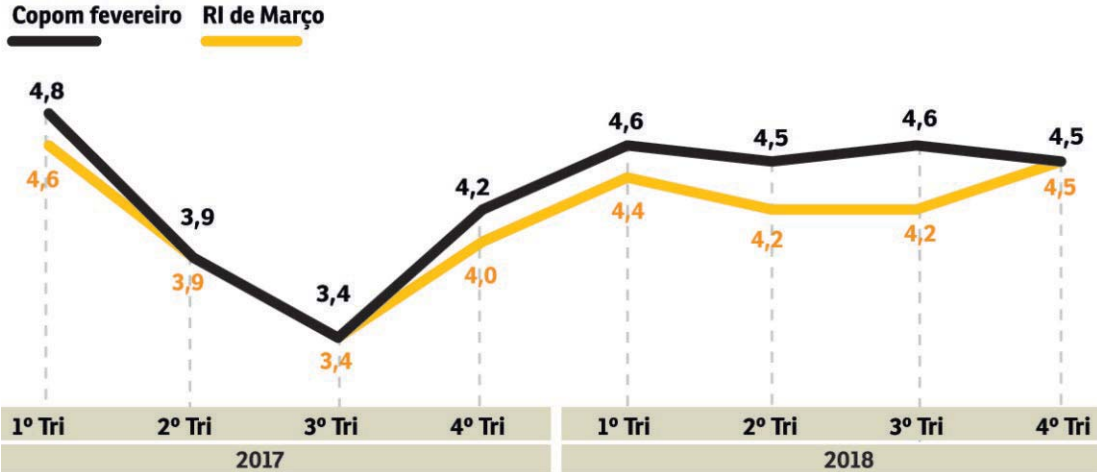
Nilma Gomes pegou empréstimos enquanto os juros estavam altos e não consegue colocar as contas em dia

Carestia controlada

Queda na inflação levará o BC a acelerar o ritmo de corte de juros

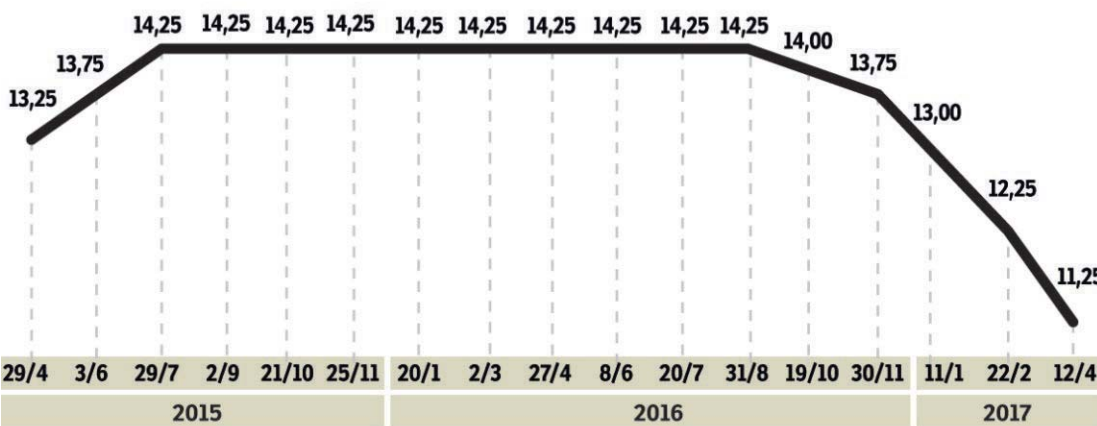
PROJEÇÕES PARA INFILÇÃO

Autoridade monetária espera inflação menor (em %)



EVOLUÇÃO DOS JUROS

Veja a evolução da Selic nas últimas reuniões do Copom (em % ao ano)



*Projeção do mercado.
Fonte: Banco Central (BC)

Varejo recua pelo 22º mês seguido

Todas as atividades do varejo registraram retração em janeiro deste ano, na comparação com o mesmo mês do ano anterior. Na média, o volume do comércio recuou 7% no período, a 22ª taxa negativa consecutiva. Os dados são da Pesquisa Mensal de Comércio, divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

“Não há aumento nas vendas em relação ao ano anterior há quase dois anos”, observou Isabella Nunes, gerente da Coordenação de Serviços e Comércio do

IBGE. Segundo ela, a desaceleração da inflação e a redução na taxa básica de juros melhoraram o cenário para o varejo, mas para aumentar as vendas é preciso que haja uma recuperação do mercado de trabalho.

A pesquisadora avaliou que a pressão dos preços sobre o orçamento das famílias chegou ao fim, mas a queda na massa de salários pagos atrapalha o desempenho do comércio varejista. Foi o que ocorreu com o instrutor Adriano Alves, de 35 anos. “A partir

do momento em que a empresa onde trabalho cortou alguns benefícios, tive que parar de frequentar muitos lugares. Meu poder de compra diminuiu”, disse. Para ele, um simples passeio exige estratégia para não passar sufoco no final do mês.

Sem emprego fixo, Sônia Santos, 37, cabeleireira, mantém a renda da família com trabalhos alternativos como diarista. Desde que perdeu o emprego, há três anos, os gastos são apenas com o básico. “Compro apenas o necessário, tudo está caro. Com

a crise, não dá para consumir como gostaria”, afirmou.

Não à toa, em janeiro, a maior queda no varejo foi no segmento de Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, com retração de 7% nas vendas, a redução mais acentuada desde junho de 2003, quando caiu 8,6%. Os demais recuos foram: combustíveis e lubrificantes (-9,0%); artigos de uso pessoal e doméstico (-5,8%); produtos farmacêuticos, de perfumaria e cosméticos (-6,0%); móveis e eletrodomésticos (-3,5%); tecidos,

vestuário e calçados (-6,3%); livros, jornais, revistas e papelaria (-17,0%); e equipamentos e material para escritório, informática e comunicação (-5,9%).

No caso do varejo ampliado, que inclui as vendas de carros e material de construção, houve redução no ritmo de perdas. A queda foi de 4,8%, com recuo de 0,3% em material de construção e retração de 4,6% em veículos. O resultado negativo do setor automobilístico, no entanto, foi o menor desde março de 2015, quando a queda nas vendas foi de 3,7%.

Editores: Paulo Silva Pinto e Leonardo Cavalcanti
paulosilvapinto.df@dabr.com.br — leonardocavalcanti.df@dabr.com.br
3214-1148 / 1191 (Economia) e 3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)

Meta será revisada

A possibilidade de o Conselho Monetário Nacional (CMN) mudar a meta de inflação de 2018 criou um ruído na equipe econômica. Ao chegar, ontem, à Câmara dos Deputados, para participar de audiência pública sobre a reforma da Previdência, o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, afirmou que o governo revisará o objetivo a ser perseguido pelo Banco Central (BC).

O chefe da equipe econômica foi claro. “Nós vamos definir em junho a meta de inflação para 2019 e vamos revisar a meta de 2018 para saber se justificaria alguma mudança”, afirmou. Em 2016, o BC acenou com uma meta de 4,5% ao ano, com banda de 1,5 ponto percentual. Integrantes da equipe econômica defendem que a meta central seja reduzida para 4,25% ou até 4%, diante das perspectivas de queda do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). “A princípio, estamos aguardando os dados de inflação e a evolução das expectativas. Temos ainda algum tempo para tomar uma decisão com segurança”, detalhou o ministro da Fazenda.

Entretanto, durante a divulgação do Relatório Trimestral de Inflação (RTI), o diretor de Política Econômica do BC, Carlos Viana, foi enfático ao dizer que a possibilidade é baixa. “O Conselho Monetário Nacional (CMN) se reúne e, do ponto de vista normativo, caberia essa decisão. No entanto, essa é uma probabilidade residual”, comentou o diretor do BC. (AT)

TJLP cai de 7,5% para 7%

» ROSANA HESSEL

O Conselho Monetário Nacional (CMN) decidiu, em reunião extraordinária, realizada ontem à noite, reduzir a Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP) dos atuais 7,5% ao ano para 7% a partir do segundo trimestre de 2017. Essa taxa é usada como a base dos empréstimos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social (BNDES).

A decisão foi divulgada apenas no site do Banco Central e o governo não fez nenhum comunicado sobre a decisão, que deveria acontecer na reunião ordinária marcada para hoje. Em todo fim de trimestre, o CMN, composto pelos ministérios da Fazenda e do Planejamento e pelo Banco Central, costuma deliberar sobre a TJLP, que estava em 7,5% ao ano desde janeiro de 2016.

Para o economista-chefe da Gradual Investimentos, André Perfeito, essa mudança “às pressas da TJLP faz sentido dentro de um quadro de pânico do governo”. Para ele, a equipe econômica tenta, com a redução, acelerar a atividade econômica. “Isso mostra o tipo de urgência do governo de tentar trazer um alívio temporário porque viram que a economia está indo para o buraco”, afirmou.